PARA TODOS OS EFEITOS E FINALIDADES, eu era uma pessoa bastante normal.

Claro, eu tinha algumas peculiaridades na minha personalidade. Mas, no geral, eu não tinha nada de especial. Nenhum poder mágico, nenhum sexto sentido; eu só conseguia interagir com o que estava diretamente à minha frente. E meu maior medo era que a Shimamura pudesse se transformar em alguém que eu não reconheceria enquanto eu não estivesse prestando atenção. O pensamento me aterrorizava, então decidi que a solução seria ficar de olho nela o máximo possível.

E foi exatamente isso que eu fiz.

"Hum... Adachi?" Shimamura chamou, sorrindo de forma desconfortável.

Eu me virei e olhei para ela — e acabei esbarrando no ombro dela. *Opa*. Talvez eu estivesse sentada um pouco perto demais.

Ela olhou ao redor por um momento, depois suspirou. "Deixa pra lá."

A Shimamura sempre foi rápida em deixar as coisas de lado — rápida em compartimentar e aceitar as coisas como eram. Mas, ao contrário de mim, ela nunca se embolava com as próprias palavras.

Naquela manhã, o primeiro período era de educação física. Quando eu era caloura, nunca me importava em trocar para a roupa de ginástica, então simplesmente faltava à aula. Hoje em dia, no entanto, eu não queria tirar os olhos da Shimamura, então, de agora em diante, prometi frequentar todas as aulas.

Hoje, todos os alunos do segundo ano estavam reunidos lá fora para um teste de aptidão física. Eles nos dividiram em grupos e nos fizeram correr voltas na pista, um grupo por vez, enquanto os outros sentavam e esperavam a sua vez.

A Shimamura estava ocupada observando os outros alunos correrem em círculos, mas *eu* estava ocupada observando *ela*. Era a primeira vez que eu a via de agasalho, mas de alguma forma isso não alterava em nada sua estética. Na verdade, comecei a pensar que ela poderia usar praticamente qualquer coisa e não faria diferença. Justo quando eu estava tentando encontrar as palavras para *descrever* essa estética, no entanto, uma sombra caiu sobre nós.

"Ah, encontrei a Ada-cheechee!"

"Cheechee!"

A Hino e a Nagafuji correram até nós, com a Hino empurrando a Nagafuji como se estivessem fingindo ser um trem.

"Vejo que você mudou um pouco dessa vez," a Shimamura comentou baixinho, mas eu não tinha ideia do que ela estava se referindo. "Você está um pouco molhada, Nagafuji."

Ao olhar com mais atenção, realmente o cabelo da Nagafuji estava molhado. Ela sorriu de canto e jogou o cabelo para trás (embora fosse curto demais para realmente ir a algum lugar). "É, acabei de sair do banho."

"Você quase fez a gente atrasar para a escola. Não consegui nem secar o cabelo direito, graças a você," Hino resmungou, fazendo uma careta. Eu podia ver a água caindo do cabelo da Nagafuji no couro cabeludo da Hino.

"Você devia ver a banheira da Hino. É *enorme*!" a Nagafuji se gabou.

Espera... a banheira da Hino?

Então, como se tivesse lido minha mente, a Shimamura perguntou: "Por que você tomou banho na casa da Hino?"

"Ah, a gente fez uma noite do pijama ontem," a Nagafuji respondeu sem dar muita importância.

O quê?

Para mim, isso foi um choque. Ela passou a noite na casa da Hino e foi diretamente para a escola no dia seguinte? E mais, Hino deu a entender que elas tomaram banho *juntas*...

O quê?!

"Hum," a Shimamura respondeu, com pouco interesse. Mas a Hino parecia desconfortável. Ela rapidamente começou a afastar a Nagafuji.

"Podemos falar sobre isso depois. Temos que ir!"

E lá foram elas se juntar ao resto do grupo.

"Sempre uma surpresa com essas duas," a Shimamura comentou enquanto as observava ir. Então ela se virou de volta e ficou olhando para o campo de atletismo. Mas eu precisei parar tudo por um minuto para pensar. Meu cérebro ainda estava processando a chocante revelação da Nagafuji e da Hino.

Uma noite do pijama! Parte de mim ficou escandalizada, mas outra parte ficou inspirada. Olhei para a Shimamura enquanto ela observava a pista. Ela olhou para mim.

"Pode... pode ser que a gente faça uma também?" eu perguntei.

"O quê?" Os olhos dela se arregalaram, mas eu continuei.

"Uma noite do pijama, quero dizer?"

"...Hã? Na casa da Hino?"

"Não, não, não!" Balancei a cabeça uma dúzia de vezes. "Na... na *sua* casa!"

O rosto dela congelou. Será que era um pedido tão absurdo? Eu podia sentir a cabeça girando enquanto esperava pela resposta dela. Então ela inclinou a cabeça. "Pra quê?"

Pra quê, você me pergunta???

"A nossa banheira não é tão grande."

"Isso não é..."

Não é importante? Sério? Ok, pensando bem, talvez eu me *importasse* um pouco. Mas não era hora de me prender a pequenos detalhes. Estava *muito* cedo para isso.

“…Eu não me importo com o tamanho da sua banheira. Eu só quero passar a noite lá.”

“Hmmmm…” A Shimamura fechou os olhos e pressionou um dedo na testa. “Por quê?”

A pergunta dela tinha se mantido praticamente a mesma, só que formulada de forma mais suave dessa vez. Eu até entendia como poderia ser alarmante para uma amiga sugerir espontaneamente uma noite do pijama, então compreendia o motivo dela não estar muito entusiasmada com a ideia… mas agora que eu já tinha colocado a ideia no ar, não podia mais voltar atrás. Não dava para saber quando a próxima oportunidade surgiria, e a espera seria uma agonia.

Oportunidades são como cubos de gelo flutuando no refrigerante da vida. Você pode achar que quer muitos deles, mas quanto mais tenta adicionar, mais aguado tudo o resto fica.

"Porque... eu quero... ser sua amiga," eu admiti. Foi uma ideia impulsiva, então sinceramente não havia nenhuma outra motivação por trás. E agora que eu tinha soltado todas as minhas esperanças e sonhos relacionados à Shimamura, com certeza eu estava bem e verdadeiramente vazia por dentro.

"Já não somos amigas?" Ela me olhou com os olhos bem abertos, como se dissesse: *isso é novidade para mim, amiga.*

"Uhh… n-não, sim, totalmente! Eu só… quero que sejamos amigas *melhores*," eu gaguejei, desviando o olhar. Meu campo de visão se estreitou como se eu estivesse usando um véu.

Por alguma razão, eu simplesmente não conseguia manter a compostura perto dela… e ultimamente isso estava ficando cada vez pior. *Eu quero ser sua amiga* — o que isso *significa*? Eu não fazia ideia, e fui eu quem disse isso!

"Então, seremos 'amigas melhores' se você dormir na minha casa? É assim que funciona?"

A Shimamura inclinou a cabeça, cética. Mas as palavras eram pesadas demais para voltar atrás de forma impulsiva. Afinal, ela tinha um ponto; nem *eu* achava que houvesse um método único para aprofundar uma amizade.

"Hmmmm…" Ela olhou para o campo de atletismo, perdida em seus pensamentos.

Será que era cedo demais para a gente chegar no estágio Hino e Nagafuji? Poderiam argumentar que precisávamos trabalhar mais na nossa amizade primeiro, mas ao mesmo tempo, eu não achava que amizade fosse algo que se "grindava", como pontos de experiência em um RPG. Se houvesse uma lista de

missões para completar e desbloquear cada nível, então ninguém teria problemas em fazer amigos. Mas, por outro lado, eu tinha que admitir que *parecia* um pouco absurdo me chamar de "melhor amiga" dela sem dedicar tempo a isso. Então o que eu deveria fazer?

Se ao menos vivêssemos em um mundo onde um simples abraço fosse tudo o que fosse necessário para fazer alguém te amar…

"Essas duas estão realmente influenciando você, né?" Shimamura disse de repente, virando-se para me encarar. E, infelizmente, ela estava completamente certa. Eu enterrei o queixo entre os joelhos e olhei para ela.

"Isso é uma coisa ruim?"

"É só super óbvio."

Isso não respondeu à minha pergunta. Envergonhada e ansiosa, eu esperei com o coração acelerado pela decisão dela. Fiquei ali, inquieta, contando os segundos. E então, finalmente…

"Eh, tá, por que não?"

Voilà. Assim, como mágica, as palavras certas fizeram todas as minhas preocupações desaparecerem. Fiquei tão aliviada ao ouvir isso que caí para frente, batendo a testa contra os joelhos.

Mais tarde, naquele dia, depois da escola…

"Então, quer vir aqui em casa algum momento nesse fim de semana, ou...?" Shimamura perguntou tímida, conferindo o aplicativo de calendário no celular. Eu assenti instantaneamente.

Nós estávamos na loja de rosquinhas no shopping, sentadas em uma mesa perto da janela. Acontece que um benefício divertido de planejar a festa do pijama foi que eu consegui usar isso como desculpa para passar um tempo com ela depois da escola também. Já estava se mostrando uma *ótima* ideia.

"Quero ficar as duas noites, então... acho que o fim de semana todo...?"

"*Duas noites*? Minha casa não é um *ryokan*, sabe," Shimamura riu. "É o oposto, digamos, da casa da Hino."

(Nota: Ryokan é uma hospedaria típica japonesa. Os visitantes dormem em quartos com nomes de flores, em um futon, no tatami, vestidos com o yukata. As diárias incluem o desjejum e o jantar típicos, servidos no quarto. Alguns ryokans têm fontes termais, também chamadas de onsen.)

"A casa da Hino é realmente tão grande?"

Ela nunca passou a noite lá antes, passou?

"Segundo a Nagafuji, é uma mansão gigantesca. Mas eu não vi com meus próprios olhos."

Aparentemente, não. Ufa. Que alívio.

Francamente, eu não estava nem um pouco interessada na mansão da Hino. Não me importava com o tamanho da casa de ninguém; eu só me importava se a Shimamura estava lá.

"Eu estaria só sentada em casa de qualquer jeito, então... achei que poderia passar o fim de semana com você, ao invés disso," eu expliquei.

"E o seu trabalho?"

"Eu ainda vou trabalhar, é... da sua casa, eu acho."

Por algum motivo, isso fez Shimamura rir. *O quê? O que tem de tão engraçado?* O riso dos outros me deixava ansiosa, especialmente quando eu não sabia o motivo.

"Vamos ver..."

Ela colocou o celular para baixo e deu uma mordida na sua rosquinha; igualmente, eu dei uma mordida na minha. Ela tinha comprado três no total — uma para ela e as outras para a irmã, ou pelo menos foi o que eu supus, mas... não era um pouco demais para uma garotinha?

Então ela percebeu que eu estava franzindo a testa para as rosquinhas dela. "Eu imagino que vai ter uma segunda me enchendo o saco quando eu chegar em casa," ela explicou com uma risada autodepreciativa. "Qual é a minha com irmãs mais novas? Estou praticamente começando uma coleção."

Ela olhou para o distante, limpando distraidamente os dedos açucarados com um guardanapo. Então percebi que os olhos dela estavam fixos em mim. Piscando, desconfiada, apontei para mim mesma. "Eu sou uma delas?"

"Ha ha ha!"

Ela riu de mim!

O sorriso brincalhão dela parecia dizer "*boa, gênio*". Normalmente, o sorriso dela era apenas caloroso o suficiente para passar pela interação social, mas

dessa vez eu pude ver isso nos olhos dela também. Era uma visão acolhedora, exceto... bem... ela ainda estava rindo de mim.

Olhei para baixo, fixando a mesa, enquanto refletia sobre isso.

A irmã mais nova da Shimamura... Shimamura Sakura... Boa aliteração, eu acho.

De certa forma, parecia uma promoção de uma amizade comum, o que era ótimo... mas ao mesmo tempo, se eu me aproximasse *demais*, tinha a sensação de que ela começaria a olhar para mim como se eu fosse invisível.

***

Sentei-me de pernas cruzadas no centro do meu quarto, olhando ao redor e me perguntando o que arrumar primeiro. Afinal, não fazia mal se preparar com antecedência, certo? Além disso, queria garantir que tivesse tudo o que poderia precisar para evitar qualquer pânico de última hora. Nada de estranho nisso. Bem normal.

Na verdade, eu só estava tentando me distrair da minha inquietação.

Roupas limpas eram essenciais. Contei o número de vezes que esperava trocar de roupa e, em seguida, olhei para os dedos esticados e fiz uma careta.

Eu só tinha duas ou três camisetas “de ficar em casa”, e, pior, todas eram apenas variações de cor da mesma camiseta. Tecnicamente, eu *tinha* algumas outras roupas — que comprei antecipando meu encontro de Natal com a Shimamura, nenhuma das quais acabei usando, atualmente acumulando poeira no fundo do meu armário. Mas eram roupas de *inverno*, então não dava para usar na primavera.

Vou precisar fazer compras de novo. No meu bloco de notas, escrevi: *comprar roupas novas*. Em seguida, adicionei: *itens de higiene, roupas íntimas, meias, carteira* e *celular, só por precaução*. Será que eu deveria levar um cobertor? Não sabia se na casa dela teriam roupas de cama extras, mas, no pior dos casos, estava calor o suficiente para dormir sem uma. Além disso, ocuparia muito espaço na minha bolsa. Risquei da lista.

Fiquei olhando para o bloco de notas. Será que esqueci alguma coisa? Quanto mais eu escrevia, mais aquilo parecia uma lista de férias. Será que estava exagerando? Minha bolsa já estava tão cheia que parecia que eu estava planejando me mudar. Cruzei os braços, pensativa.

Não fazia sentido ir para a casa da Shimamura *só* para dormir. Claro, eu ia adorar passar um tempo com ela no ambiente dela, mas também não queria que ela se entediasse. Precisava planejar alguma atividade para fazermos juntas.

Caso contrário, correríamos o risco de ficar em silêncio, como naquela última ligação.

E se eu levasse um jogo ou algo parecido? Um baralho, talvez? Agora estava *realmente* parecendo uma viagem de férias. Mas não conseguia pensar em nenhum jogo de cartas para dois jogadores. Que tal outro tipo de jogo para dois? Shogi? Othello? Eu não sabia jogar shogi, mas Othello poderia funcionar. No canto da página, escrevi: *Othello*.

Então, levantei o olhar e minha visão se fixou no bumerangue exposto na minha prateleira. Não que eu estivesse pensando em levar aquilo, mas, ao lembrar dele, pensei em pingue-pongue e percebi que talvez Shimamura preferisse atividades mais físicas. Agora que pensei nisso, nós já fomos jogar boliche uma vez. Honestamente, eu não me importaria de ir de novo — dessa vez *sem* aquela garota estranha. Mas, se passássemos o dia inteiro passeando pela cidade, será que ainda fazia sentido eu dormir na casa dela?

"...É claro que faz."

Não seria incrível sairmos de casa juntas? Voltarmos juntas? Soava como algo mágico. Adicionei *boliche* ao meu bloco de notas.

Tá, o que mais?

Infelizmente, foi aí que perdi o embalo. O que pessoas normais fazem com os amigos para se divertir? Por um instante, considerei perguntar à Hino ou à Nagafuji, mas algo me dizia que elas não seriam de grande ajuda. Afinal, nenhuma das duas poderia ser descrita como “normal.” Especialmente a Nagafuji. Qualquer resposta que ela desse provavelmente não faria o menor sentido.

Que complicado. Deixei minha caneta de lado e cruzei os braços novamente. Sentia como se estivesse tentando resolver um paradoxo.

Conhecendo a Shimamura, ela provavelmente nem estava preocupada com isso. Às vezes, ela conseguia ser tão fria que me dava arrepios.

Shimamura... A casa da Shimamura... Só eu e a Shimamura...

Se realmente não tivéssemos opções melhores, sempre poderíamos assistir TV juntas. Eu poderia sentar entre as pernas dela, como da última vez... e então eu olharia por cima do ombro, e...

Pressionei ambas as mãos no chão, abaixei a cabeça e esperei a febre passar. Quando recuperei a compostura, cruzei os braços novamente, fechei os olhos e me perguntei: será que desta vez eu conseguiria me manter firme? Conseguiria encará-la?

Sim, eu consigo. Não vou fugir, dizia uma voz na minha cabeça. Mas eu sabia que era mais fácil falar do que fazer. Afinal, se eu parasse para imaginar o que "não fugir" realmente significava…

Todo o sangue subiu à minha cabeça enquanto algo dentro de mim despertava.

"Eu não vou fugir!"

Era surpreendentemente fácil gritar dentro de casa quando meus pais não estavam por perto. Talvez gritar tivesse desbloqueado algo no meu cérebro. As palavras praticamente saíam com naturalidade.

Eu não podia continuar sendo covarde para sempre. A partir de agora, minha intenção era ser mais direta com a Shimamura.

Assim que decidi que tinha terminado de arrumar a mochila, olhei para o relógio. E agora? O dia ainda estava longe de acabar; na verdade, o tempo parecia passar ainda mais devagar do que quando eu era uma solitária. Mas, pelo lado positivo, eu finalmente estava ansiosa pelo futuro pela primeira vez em muito tempo.

Minha perna direita balançava impacientemente enquanto eu implorava ao relógio: *Por favor, anda logo!*

Então, depois de um momento, lembrei que precisava comprar roupas.

***

"Caramba, quanto trambolho você trouxe?"

Essa foi a primeira coisa que Shimamura disse quando abriu a porta. Eu tinha uma bolsa pendurada no ombro esquerdo, outra no direito e uma mochila nas costas. Três malas não era *tanto* assim… né?

"Tem certeza de que não está planejando se mudar?" ela riu, e eu tive a impressão de que estava se perguntando o que exatamente eu tinha trazido.

Depois de pensar bastante, decidi que seria rude depender demais da família dela, então trouxe meu próprio shampoo e condicionador, além de comida suficiente para quatro dias, para que os pais dela não precisassem cozinhar para mim, e também um cobertor. Minha ansiedade só se acalmava quando eu

pensava em todas as possibilidades, e foi assim que a mala nº 2 apareceu. Depois, como planejava dormir lá no domingo e ir para a escola com Shimamura na segunda de manhã, percebi que precisava levar meus livros e uniforme, daí a mala nº 3.

"Além disso, você não chegou meio cedo?"

Esfregando os olhos, ela apertou os olhos contra o brilho do sol da manhã, que iluminava as marcas de lágrimas deixadas pelo bocejo em suas bochechas. Hora atual: 8:00 da manhã.

"Ah, desculpa. Você ainda estava dormindo?"

Pessoalmente, eu não consegui pregar os olhos na noite passada. Fiquei deitada por horas. E, quando percebi, já estava aqui.

"Uhum. Você me acordou. Ah, mas eu não tô brava nem nada. Eu sei que você é do tipo super pontual! Tenho orgulho de você."

"Ahh... é..."

Pra falar a verdade, eu cheguei aqui por volta das 7:00, mas achei que era cedo demais, então fiquei andando de bicicleta pelo bairro por uma hora. Felizmente, como era primavera, dava para passar o tempo lá fora sem morrer de frio. E, como era fim de semana, não tinha nenhuma criança de escola primária por perto para ficar me olhando estranho, graças a Deus.

Shimamura passou a mão pela franja bagunçada. "Certo, acho que era isso que eu queria saber," ela deu de ombros, agora parecendo totalmente acordada. Então, sorriu. "Bom, entra aí!"

E então, como um cachorro obediente, entrei na casa da minha dona. Enquanto tirava os sapatos, levantei o olhar — e fiz contato visual com a irmã mais nova da Shimamura, parada na outra ponta do corredor. Ela se encolheu. Eu também.

"Essa é minha amiga. Você se lembra dela?" Shimamura chamou, me apresentando.

Inclinei a cabeça. "O-o-obrigada por me receber."

"Oi," respondeu uma vozinha tímida.

Lembrei que Shimamura tinha me dito que a irmã dela era tímida com estranhos — assim como eu. Senti uma leve afinidade com ela.

Então me ocorreu: era por *isso* que Shimamura me via como uma irmã mais nova?

Enquanto isso, a Pequena Shimamura saiu correndo para outro cômodo — provavelmente a cozinha.

"Como sempre, ela está fingindo se comportar," Shimamura riu ao observar sua irmã desaparecer. Então ela voltou a olhar para mim. "Quer levar suas coisas lá pra cima? É basicamente o único quarto livre."

Ela apontou para as escadas, e eu quase concordei… mas então lembrei: o quarto da Shimamura ficava no primeiro andar.

Essa insatisfação deve ter ficado clara no meu rosto, porque ela inclinou a cabeça e perguntou: "Você não gosta daquele quarto?"

"Ah, não, tá tudo bem…" Meus olhos (e meu coração) foram de um lado para o outro enquanto eu debatia se deveria ser honesta com ela. No fim, as palavras saíram de qualquer jeito: "Eu só… achei que dormiria no seu quarto."

Minha mente rapidamente sugeriu uma desculpa: *Tenho medo de ficar sozinha à noite.* Mas, se ela parasse para pensar na minha situação familiar, a mentira ficaria óbvia demais. Ela veria através de mim.

"Então você quer dormir no nosso quarto com a gente?" ela perguntou, sem rodeios ou hesitação.

Se eu fosse honesta, a resposta seria um sonoro *Sim, por favor.* Lancei um olhar esperançoso na direção dela. Mas Shimamura sorriu tristemente, como se estivesse dividida.

"Por mais que eu adorasse isso, acho que minha irmã não ia gostar muito. Desculpa."

"Ah, sem problemas. Tá tranquilo," respondi automaticamente, soltando uma risada forçada na tentativa de esconder a devastação gigantesca que começava a se formar no meu rosto. Não importava quantas vezes a vida me mostrasse que eu não podia esperar conseguir tudo o que queria, de alguma forma meu coração nunca recebia o recado.

Primeiro de tudo, Shimamura me mandou subir para deixar minhas coisas... no mesmo quarto onde tínhamos estudado juntas antes. Agora que o inverno tinha acabado, a mesa kotatsu tinha sido guardada, e no lugar dela havia um único futon, já estendido para mim. Coloquei minhas bolsas no chão, sentei de pernas cruzadas no meio do quarto e refleti sobre a conversa que acabávamos de ter.

Por mais que eu adorasse, ela disse.

"Ela disse que adoraria?"

De repente, o mundo todo pareceu um pouco mais brilhante. Talvez eu fosse mais otimista do que imaginava. Respirei fundo, cheia de alegria — e o ar estava tão empoeirado que secou instantaneamente minhas vias nasais, exatamente como da última vez. *Talvez eu devesse abrir as cortinas.* Comecei a me levantar, mas mudei de ideia no meio do caminho.

Naquele momento, a porta se abriu um pouco, e Shimamura espiou pela fresta.

“Você quer café da manhã ou já comeu?”

“Ah, não se preocupe comigo. Trouxe minha própria comida.” Mexi na minha bolsa azul e tirei um pacote de palitinhos de pão. Eu os tinha colocado no topo, então estavam só um pouco amassados. *Perfeito*. “Tá vendo?”

Assim, minha presença não seria um grande peso para a família dela.

“Ah, é mesmo…”

“É.”

Eu pisquei, confusa, com a pausa estranha que isso parecia ter causado. Então, no momento em que eu ia abrir o pacote, os olhos de Shimamura se arregalaram.

“Espera... você vai comer isso aqui em cima?”

“Hã?”

“Eu pensei que talvez você fosse comer comigo, tipo, na cozinha. Porque eu tô indo tomar café da manhã agora.”

Ahhh. Tudo se encaixou. *Sim, essa é uma ideia muito melhor.*

“Ah, não, claro.”

Com os palitinhos de pão na mão, me levantei apressada, e Shimamura deu uma risadinha de mim por eu ser tão desatenta. Clássico da minha vida.

Ela me conduziu de volta para baixo, para a cozinha, onde tanto a irmã *quanto* a mãe dela estavam sentadas à mesa.

“Pode entrar” disse a Sra. Shimamura, usando as mesmas palavras que a filha e quase a mesma voz também. “Pode se sentar ali.”

Fiz como ela pediu, enquanto Shimamura se sentava ao lado da irmã, do outro lado da mesa. De certa forma, parecia que eu estava ocupando o lugar do pai da Shimamura.

“Sabe, essa é a primeira vez que uma visita vem dormir aqui!” comentou a Sra. Shimamura.

O olhar dela me fez encolher, mas por dentro, eu estava empolgada por ser a primeira. Alegria brotou dentro de mim. *A primeira!*

“Pena que não é uma festa de estudos, né? Ah, se fosse…” ela suspirou dramaticamente, embora o sorriso no rosto dela me dissesse que ela não estava realmente desapontada.

Embora uma festa de estudos fosse mais lógica para estudantes da nossa idade, já que geralmente estávamos mais focadas na escola, por um momento eu fiquei com medo de ela me perguntar o que a gente ia fazer, porque eu não fazia ideia de como responder. Felizmente, ela não perguntou.

Olhei para o lado e vi a irmãzinha de Shimamura cutucando sua omelete, com uma expressão vagamente desconfortável, os ombros encolhidos. A culpada? Minha presença. Olhei para baixo, para a mesa, e abri o pacote de palitinhos de pão.

“Ora, ora, Adachi-chan, eu fiz o suficiente para você também, sabia?” a Sra. Shimamura me disse, sorrindo enquanto empurrava um prato na minha direção. Ovos mexidos com torradas. “Ou a minha comida não te agrada, princesa?”

“Ah, não, de jeito nenhum! Muito obrigada!”

Eu rapidamente deixei os palitinhos de pão de lado e aceitei o prato. Era a primeira vez que alguém me pressionava de forma brincalhona a comer sua comida.

Dei uma mordidinha na torrada e olhei para a irmãzinha de Shimamura. Ela também estava dando uma mordida. Nossos olhares se encontraram, e eu rapidamente desviei os olhos para a mesa. Diferente da mãe, a irmãzinha não parecia muito disposta a me acolher na casa. Honestamente, eu entendia o sentimento. Claramente, ela e eu éramos muito parecidas.

Afinal, ambas queríamos a irmã mais velha só para nós.

“Então me diga, Adachi-chan. Eu imagino que você seja uma estudante mais competente que minha filha, né?” A Sra. Shimamura perguntou.

Eu olhei para Shimamura e hesitei.

“Não, eu, ah…”

“Ela é igual a mim, mãe” Shimamura respondeu por mim.

Sim, eu sou igual a ela. Na verdade, se tiver que ser sincera, provavelmente sou até pior.

“Sério? Mas você parece uma boa menina! Bem mais do que essa *delinquente*, pelo menos.”

“Você vai calar a boca?” Shimamura retrucou, parecendo desconfortável. Então ela começou a devorar sua comida, como se quisesse sugerir que não queria ficar ali nem mais um minuto. Sua mãe percebeu, mas não parecia se importar... então eu decidi defender Shimamura.

“Se alguém aqui é uma boa menina, é a Shimamura. Ela é muito, *muito* melhor do que eu.”

Ficou um pouco condescendente chamá-la de "boa menina", mas não consegui pensar em outra forma de dizer. Boa *aluna*? Boa *pessoa*? Nada parecia certo na minha cabeça.

“Ha ha ha! Entendi! Você a vê como sua irmã mais nova, é isso?” A mãe de Shimamura aplaudiu com as mãos, totalmente equivocada.

“Não, ela *não* vê” Shimamura sibilou, mas sua mãe estava rindo demais para ouvi-la. Aparentemente, minha tentativa de corrigir a situação tinha dado completamente errado.

Ela enfiou o pedaço de torrada na boca, soltou um "obrigada pelo café" abafado, com as bochechas estufadas, e saiu furiosa da cozinha. Será que ela estava brava comigo? Sentindo-me culpada, terminei de comer o mais rápido que consegui, mastigando a uma velocidade impressionante e engolindo mais rápido do que provavelmente deveria.

“Obrigada pela comida, senhora.” Quando foi a última vez que realmente agradeci à pessoa que cozinhou para mim?

Com isso, a mãe de Shimamura começou a rir novamente.

“Vocês duas são iguais!”

Em seguida, levei meu prato sujo até a pia para lavar, mas ela correu atrás de mim.

“Não se preocupe com isso” ela me disse. “Embora eu gostaria que aquela filha preguiçosa minha seguisse seu exemplo” ela acrescentou com um suspiro. Eu

não sabia como responder a isso, então apenas acenei com a cabeça vagamente. Então, fiz um sinal de adeus, saí da cozinha e fui atrás da Shimamura.

“Você está brava?” Perguntei.

“Hã? Sobre o quê?” Ela virou-se para me encarar. Sua expressão não estava mais carrancuda, e sua voz já estava normal. “Ah, você se refere ao que aconteceu agora? Minha mãe é *sempre* assim. Ficar brava com ela é só perder tempo.”

Ela riu e acenou com a mão, sem nenhum vestígio de ressentimento.

Para mim, a relação delas, mãe e filha, era uma coisa complicada, e eu não conseguia entender direito. Mas, de alguma forma, achei fascinante, então fiz o meu melhor para tentar compreender.

“Enfim, mais importante…” Shimamura olhou diretamente nos meus olhos, segurando o braço e sorrindo suavemente. “O que vamos fazer hoje?”

Sua voz me fez arrepiar, como se finalmente estivesse começando o que seria nosso fim de semanaa. Uma mistura confusa de esperança e pânico me impulsionou a seguir em frente.

Quanto tempo havia se passado desde a última vez que eu realmente esperei pelo fim de semana?

***

Espera, o quê?

Era hora de dormir, e, enquanto eu olhava para o teto, uma pergunta de repente surgiu na minha mente:

O que diabos nós fizemos o dia inteiro?

Não tinha muito o que mencionar. Passei o dia pairando ao redor da Shimamura, como sempre, mas dessa vez consegui fazer isso por muito mais tempo que o normal. Jogamos Othello... depois assistimos TV (sentadas lado a lado de joelhos, por algum motivo)... depois mostrei à Shimamura tudo que eu tinha trazido comigo, e ela riu e balançou a cabeça para mim. Eu estava exageradamente entusiasmada, mas ela não; simplesmente deixava as coisas acontecerem, como em qualquer outro dia.

De vez em quando, eu a pegava olhando para o nada, com os olhos caídos de forma letárgica. Então, ela percebia que eu estava olhando, e um sorriso lentamente aparecia em seu rosto. Suas reações tardias faziam algo dentro de

mim se contrair, e até que eu descobrisse o que era, tinha a sensação de que isso iria me assombrar.

Resumindo, foi apenas um dia comum como qualquer outro.

De certo modo, “simplesmente estar juntas sem motivo” era o que eu mais queria, mas outra parte de mim esperava que algo dramático acontecesse, e eu ainda precisava de um tempo para conseguir conciliar essas duas ideias.

Será que eu realmente tinha desperdiçado o dia inteiro sem fazer nada?

Bem... se eu tivesse que dizer... houve *uma coisa* que aconteceu...

***

"Assim que terminar de comer, vai direto para o banho. Você sempre cai em um coma alimentar logo depois do jantar," disse a Sra. Shimamura para a filha, à mesa de jantar.

"Sim, mãããe," respondeu Shimamura, distraída. Então, ela me lançou um olhar rápido, como se estivesse envergonhada por eu ter presenciado a conversa. Normalmente, *eu* era quem vivia embaraçada, então, para mim, foi uma mudança divertida.

Depois disso, fiquei surpresa ao descobrir que a Sra. Shimamura havia preparado comida para mim também, sem que eu precisasse pedir.

Foi nesse momento que encontrei o pai da Shimamura pela primeira vez desde que cheguei. Ele me lançou um sorriso simpático e disse: "Uma jovem encantadora como você alegra qualquer mesa de jantar." Ao ouvir isso, Shimamura se encolheu de vergonha, mas imaginei que fosse alguma piada de pai. Ou então, eu acabara de descobrir de onde a filha tinha herdado seu charme natural.

Depois do jantar, em vez de ir para o próprio quarto, Shimamura automaticamente me seguiu para o andar de cima. O gesto aqueceu meu coração e me deu uma estranha sensação de superioridade — sobre quem, eu não sabia dizer, mas me senti como uma deusa.

Com uma coragem recém-descoberta, perguntei: "Eu posso, hum, sentar entre as suas pernas?"

Como eu tinha feito essa pergunta da última vez? Será que eu tinha ficado um pouco mais confiante desde então? Considerando que eu não lembrava o que aconteceu na última vez, não podia dizer com certeza, mas de alguma forma duvidava ter feito algum progresso.

Enquanto isso, os lábios de Shimamura se curvaram em um sorriso malicioso. "Somente se você prometer não fugir desta vez."

Ai.

Ela abriu as pernas em forma de V para mim. Timidamente, sentei de pernas cruzadas entre elas, olhando fixamente o tempo todo. Suas pernas eram realmente lindas; honestamente, ela provavelmente ficaria melhor no meu *cheongsam* do que eu mesma. *Isso sim seria algo que eu adoraria ver.*

"Você não vai se encostar em mim?" Shimamura perguntou, dando tapinhas no peito de forma convidativa, exatamente como da última vez.

"Então, tá bom… se você não se importar…"

Hesitante, me inclinei para trás, encostando nela. Meus olhos se arregalaram.

Aaaa… o queeee… eeee…!

…Nessas horas, eu era honestamente uma completa esquisita. Ou talvez só fosse totalmente idiota. Meu rosto ficou vermelho como um tomate quando senti… sabe, os peitos dela… pressionarem minhas costas. Agora que estávamos de camisetas em vez de nossos uniformes rígidos e engomados, eu podia sentí-los com muito mais clareza… especialmente quando ela se inclinava para frente para acompanhar minha postura… Meu coração disparava e meus olhos saltavam de um lado para o outro enquanto eu me esforçava desesperadamente para não começar a falar coisas sem sentido.

Por quê? Por que eu sempre acabo assim? Eu simplesmente não conseguia entender. Shimamura e eu éramos ambas garotas. Por que eu me importaria com o fato de os peitos dela estarem encostados em mim? Minhas mãos se mexiam inquietas sobre minhas coxas.

Enquanto eu sentava ali, gritando internamente, não demorou muito para que eu ouvisse o que parecia ser um leve e rítmico ronco. Ela estava dormindo? Eu queria olhar por cima do ombro para verificar, mas e se eu a acordasse? Fiquei mais paralisada do que nunca, prendendo a respiração. Pelo visto, Shimamura não estava brincando quando disse que passava os fins de semana dormindo.

Então, senti quando ela se deitou de costas no chão, e, conforme o calor dela foi substituído por um ar frio e vazio, senti meu ânimo murchar um pouco. Dito isso, eu estava agindo como uma completa esquisita. *Provavelmente é melhor assim*, pensei, tentando me convencer a aceitar.

Então, lá estávamos, Shimamura esticada no chão com as pernas abertas, e eu sentada de pernas cruzadas entre elas. Meio surreal. Enquanto eu olhava para

ela, me lembrei do comentário da Sra. Shimamura de mais cedo e ri sozinha. Ela conhecia bem a filha... Coisas clássicas de mãe.

Pensando nisso, minha mãe também não era exceção. Ela pelo menos me conhecia o suficiente para saber que eu era indecifrável.

Nesse momento, a porta se abriu, e uma cabecinha apareceu. Isso parecia ter acordado Shimamura, porque senti suas pernas se mexendo.

Era a irmã dela, claro. Ela nos olhou e estreitou os olhos. Nas mãos pequenas, ela segurava uma troca de roupa — pijama, se eu tivesse que adivinhar. Shimamura deu uma olhada nela e, de alguma forma, percebeu que ela ia tomar banho.

"Você normalmente não toma banho tão cedo," ela comentou com a irmã mais nova, que a ignorou e entrou no quarto.

Então, ela virou o rostinho para o lado e anunciou: "Eu quero que você venha comigo, Nee-chan."

"Como é que é?"

Com isso, Shimamura se sentou rapidamente. Eu também não estava esperando por isso.

"De onde saiu isso? Eu pensei que você tinha dito que já era velha demais para tomar banho comigo."

"Ainda podemos fazer isso *de vez em quando*. Agora, vamos!"

A pequena Shimamura pegou a mão de sua nee-chan. Relutantemente, Shimamura se levantou, inclinando-se um pouco, enquanto a irmã a puxava para fora. Ela olhou para trás para me dar um olhar. "Eu... hum... vou voltar logo, eu acho!"

E com isso, ela saiu do quarto. Com o apoio nas costas desaparecendo, abracei meus joelhos dobrados e rolei para o lado, como uma boneca Daruma.

Bem antes de saírem do quarto, a pequena Shimamura me lançou um olhar por cima do ombro. Uma carranca bem pronunciada, para ser mais específica. E eu sabia *exatamente* o que havia causado aquela carranca e por quê. Por isso, não consegui impedi-las, nem me juntar a elas. Era como se ela tivesse levantado um espelho, e eu tivesse me perdido no reflexo.

Foi isso que aconteceu.

***

Nós duas éramos parecidas, até nos nossos defeitos, então era natural que não nos déssemos bem sem um certo ajuste fino. E, para deixar claro, eu *queria* me dar bem com ela, se possível. Mas se isso significava ter que sacrificar certas coisas em relação à irmã mais velha dela, então não era a escolha certa, e eu estava interessada em fazer as escolhas certas. *Já erro o suficiente como estou, obrigada.*

"Primeiro ela toma banho com ela, e depois elas dormem na mesma cama... Bem, talvez não na mesma cama, mas definitivamente no mesmo quarto..."

Não pude deixar de sentir uma certa inveja dela. Afinal, o status de "irmã mais nova de sangue" significava que ela tinha total liberdade para ser carente e exigente, sem perguntas. Ela era praticamente invencível.

Fiquei olhando para o escuro, bem acordada. Essa noite, o véu usual de sonolência simplesmente não estava lá.

É, vai ser uma longa noite.

Então, enquanto eu estava deitada lá, me ocorreu tardiamente: a noite ocupava mais de 50% de cada dia. Qual era o sentido de eu passar mais da metade do fim de semana sozinha? Em termos de Shimamura, simplesmente não fazia sentido. (Não que "em termos de Shimamura" faça muito sentido também, mas não vamos nos preocupar com isso.)

O fato era este: eu vim aqui para passar tempo com a Shimamura, e ainda assim aqui estava eu, desperdiçando a maior parte desse tempo afastada dela. Estava estragando metade do objetivo. E só agora, no final do dia, é que finalmente percebi isso. A frase "Conselho depois do erro é como remédio depois do enterro" veio à minha mente.

Foi por isso que decidi agir enquanto ainda havia tempo. Amanhã seria outro dia, afinal. Mas essa era a parte que eu precisava mudar em mim mesma. Essa era a parte em que eu precisava trabalhar. E com essa convicção renovada no meu coração—

“...Nnngh...”

—não havia como eu dormir tão cedo.

O arrependimento surgiu.

Eu realmente deveria ter guardado essa revelação para a manhã.

***

Como qualquer pessoa que já teve um trabalho pode te dizer, você não escolhe exatamente os seus dias de folga... e no dia seguinte, eu estava escalada para o turno do almoço. Sim, isso consumiria meu tempo com a Shimamura, mas não era totalmente ruim.

"Divirta-se no trabalho," murmurou uma Shimamura bem desarrumada enquanto me via sair. Instantaneamente, o que antes era uma porta comum agora se tornava um portal poderoso. De alguma forma, isso me encheu de coragem e relutância ao mesmo tempo. Uma leve sensação de calor desceu até o meu estômago.

"Hum... Eu volto logo."

O calor caiu sobre mim por trás, me envolvendo suavemente.

"Eu... Eu consigo!"

Levantei ambos os punhos no ar. A princípio, os olhos de Shimamura se arregalaram, mas logo ela cobriu a boca e riu. Era raro minhas piadas realmente darem certo, então talvez isso fosse um sinal de que aquele dia seria bom.

Com um passo leve, caminhei pela rua. O céu azul, sem nuvens, estava acima de mim. *Sim, hoje é um bom dia*. Enquanto isso, refletia sobre o que havia causado esse ânimo.

Por que aquele pequeno momento havia sido tão emocionante? Bem, provavelmente porque eu não tinha o melhor relacionamento com a minha família. Mas se eu me esforçasse, será que as coisas poderiam ser diferentes? Uma parte de mim achava que provavelmente já era tarde demais, mas outra parte tinha observado a família Shimamura e se sentiu inspirada a tentar.

E assim, cheguei ao trabalho, onde nada havia mudado com a passagem das estações. Mesmos colegas de trabalho, mesmo vestido de *cheongsam* ridículo. Mas desde que Shimamura disse que eu ficava bem nele, percebi que já não me importava tanto de usá-lo.

Enquanto esperava os clientes chegarem, puxei a barra do vestido. Claro, não me *importava* de usá-lo, mas não estava *confortável*. Era difícil de explicar, mas... mesmo que o uniforme escolar mostrasse muito mais as pernas, de alguma forma, ele ainda parecia mais confortável do que esse *cheongsam*. Não sabia bem o porquê.

Quinze minutos depois de abrirmos para o movimento do almoço, o primeiro grupo de clientes chegou, seguido por uma cliente sozinha. Meu corpo se movia automaticamente. Preparar as toalhas *oshibori*, encher os copos de água — era

tudo um trabalho mecânico para mim. Eu não tinha motivo para continuar, mas também não tinha razão para parar, então segui em frente, sem parar.

Dei um copo de água para a cliente que estava sozinha. Recitei minha frase padrão: "Me avise quando estiver pronta para fazer o pedido."

Mas assim que virei para sair…

"Eh?"

A garota olhou para cima do cardápio e me encarou, mas não de um jeito de "pronta para fazer o pedido". Eu congelei, sem saber o que fazer. Então, ela sorriu.

"Eu sabia! É você! Você foi a garota que encontrou meu chaveiro!"

Ela levantou a mochila e a virou para me mostrar o pequeno ursinho de desenho pendurado nela. Certamente, eu reconheci como sendo o mesmo que eu havia resgatado no shopping naquele dia... e, incidentalmente, era o mesmo que a Shimamura também tinha.

Então, percebi: era a garota da loja de animais.

“Foi muito legal da sua parte, aliás. Obrigada novamente.”

“Ah, uh, sem problemas.”

Foi quando eu me lembrei de que estava querendo comprar um conjunto combinado de... algo... para mim e a Shimamura. Talvez a gente pudesse ir às compras juntas depois que eu voltasse... De alguma forma, parecia que eu estava cheia de boas ideias hoje. Talvez fosse um benefício colateral de passar a noite na casa da Shimamura. *É, com certeza deve ser isso*, meu cérebro decidiu otimista.

“Meu *Deus*, sua cara!”

“Hã?”

Eu voltei à realidade e vi a garota me encarando com a boca aberta. Apressei-me a ajustar meu rosto com as mãos. *O quê? O que há de errado?* Apavorada, minha visão se moveu para todos os lados.

“Eu pensei que talvez você tivesse cara de brava o tempo todo, mas claramente eu estava errada!” ela riu, debochando ainda mais.

Uma parte de mim estava com medo de perguntar, mas ao mesmo tempo, não saber era muito mais assustador. “O-que tinha de errado?”

“Bem... parecia meio... derretido?”

“O quê?”

“Tipo, tava caindo, como...” Ela puxou a parte inferior do rosto para baixo até que a boca ficasse... bem... derretida.

“...Sério?”

“Sim.”

“...Me avise quando estiver pronta para pedir,” eu engasguei, me agarrando aos últimos vestígios de profissionalismo. Então corri para longe o mais rápido que minhas pernas podiam me levar.

Meus ouvidos estavam zumbindo enquanto eu pegava um prato e começava a polir. Como um espelho, ele refletia minha vergonha de volta em minha direção.

***

Depois do trabalho, eu fiquei parada na porta da casa da Shimamura, pensando no que dizer ao entrar. Eu não morava ali, então seria estranho dizer "Estou em casa." Claro, sempre que eu voltava para minha própria casa, não dizia nada, já que nunca havia ninguém por lá nesse horário. No final, decidi repetir a mesma coisa que tinha dito da última vez que entrei, mesmo que fosse meio estranho repetir.

"Obrigada por me receber..."

"Ah, bem-vinda de volta."

Acontece que a Sra. Shimamura estava ajoelhada ali mesmo na entrada, limpando o chão. A resposta instantânea me pegou de surpresa. *Bem-vinda de volta*, ela disse. Minha garganta se apertou. Então, ela me olhou de um jeito engraçado, e eu sabia que precisava dizer algo.

“M-muito obrigada.”

Como uma idiota, agradeci *de novo*. Mas ela não pareceu realmente notar.

“A Hougetsu não está em casa no momento. Acho que ela disse que foi às compras.”

“Ah, entendi...”

Por um momento, não tive certeza de quem ela estava falando, mas então lembrei. Esse era o primeiro nome da Shimamura — e que nome, aliás. Tão digno que era quase impossível torná-lo fofo. Hougetsu-chan? Hou-chan?

“Ela vai voltar logo. É preguiçosa, então vai querer terminar isso o mais rápido possível.”

“Certo…”

“Ela sempre foi uma dorminhoca, desde que nasceu. Juro, ela dorme como um coala,” suspirou a Sra. Shimamura nostalgicamente. Enquanto isso, eu apenas assentia de forma desajeitada. Sem a Shimamura ali, eu me sentia completamente deslocada.

Por favor, volte logo. Por favor, por favor, por favor.

“Como ela é na escola?” continuou a Sra. Shimamura.

“Como assim?”

Ela levantou o olhar enquanto esfregava o chão. “Ela vai às aulas?”

“Sim, senhora.”

“Bom, então está certo.” Ela foi rápida em encerrar a conversa — igualzinha à filha. “Deve ser um desafio, tentar fazer aquela preguiçosa acompanhar você.”

O quê?

"Não, não, de jeito nenhum. Na verdade, hum, é o contrário."

"Ah, é?"

"A Shimamura está sempre me guiando, sabe, como uma... como uma guia." Essa provavelmente era uma metáfora estranha, mas eu não consegui pensar em nada melhor.

A Sra. Shimamura riu como se eu estivesse brincando. "Essa é *nova*!" Seu sorriso era quase idêntico ao da filha.

Nesse momento, como se fosse um sinal, a porta se abriu. *Falando no diabo, ela apareceu*.

"Chegueeeei!" Shimamura anunciou. Então ela me avistou e mudou o tom imediatamente. "Ah, oi, Adachi. Bem-vinda de volta." Uma pequena sacola de compras de papel pendia de sua mão.

"Obrigada."

"De nada." Então, ela avistou a mãe na entrada. Olhou de volta para mim. "Vocês não estavam falando de mim, estavam?"

"Keh heh heh!" A Sra. Shimamura soltou uma risadinha.

Shimamura estreitou os olhos, mas não insistiu. Em vez disso, tirou os sapatos.

"Hmm..." Olhou pelo corredor e depois para a escada. "Ah, vamos subir." E assim, subiu as escadas.

Naturalmente, eu a segui. Talvez minha metáfora da guia fosse mais precisa do que eu imaginava, porque me senti como um cachorrinho correndo atrás de sua dona.

Assim que entramos na sala de estudos, Shimamura soltou um suspiro. "Ugh. Que coisa." Mas, bem na hora em que começou a brincar com o cabelo, pareceu lembrar-se de algo. "Ah, é mesmo!" Ela se virou para mim e abriu um sorriso brilhante. "Adachi, abaixa um pouquinho!"

"Ah... Certo..."

Abaixei-me como ela pediu, e uma sombra caiu sobre meus olhos enquanto Shimamura estendia a mão para tocar meu cabelo. *O que é isso?*

"Prontinho."

Ela havia tirado algo da sacola de compras e agora estava prendendo em minha cabeça. Quando terminou, deu um passo para trás para admirar sua obra.

"Pronto! Agora temos o mesmo penteado."

"Hã?"

Shimamura pegou um espelho de mão e o segurou para que eu pudesse ver. Refletida de volta estava uma garota de bochechas rosadas — isso não era

novidade — e uma presilha de flor do lado direito da minha franja. Certamente, nossos penteados agora combinavam. Era para isso que ela tinha saído?

"Agora que meu cabelo está quase tão escuro quanto o seu, eu queria tentar combinar penteados com você, mas... Hmm. Acho que não ficou exatamente igual."

Ela me olhou tão fixamente que não consegui evitar desviar o olhar para o chão, constrangida. De onde isso veio? Nessas horas, ela realmente me lembrava o pai dela.

Independentemente do motivo, no entanto, fiquei tocada por ela usar do próprio tempo para me comprar um presente. Era um gesto que exigia esforço — esforço que Shimamura nem sempre estava disposta a fazer — e era por isso que significava tanto.

Enquanto eu passava o dedo sobre esse novo símbolo da nossa amizade, Shimamura levantou o olhar de repente.

"Ah, é mesmo. Na verdade, comprei dois desses. Um para você e um para mim."

"...Hã?"

Shimamura tinha comprado uma presilha igual para ela mesma? Então... nós poderíamos combinar? Era porque eu tinha perguntado sobre isso? Ela parecia tão casual a respeito, então talvez não estivesse tão investida assim. Ou talvez nem lembrasse que eu tinha dito que queria combinar com ela. Ainda assim... isso foi o suficiente para acender fogos de artifício na minha mente. Centelhas brilhantes voaram em todas as direções, me deixando tonta. E, ao mesmo tempo, fui preenchida com uma euforia indescritível. Tremi internamente.

"Sh-Shimamura...!"

"Grrk!"

Eu me joguei sobre ela tão rápido que quase arranquei sua cabeça dos ombros. Mas eu não conseguia me conter.

"Você é tão...!"

"Hum, isso parece familiar."

"Tão *inclível*!"

Bem quando tentei confessar meus sentimentos, acabei mordendo minha língua.

"Eu sou tão... inclível? Hmm. Virou o cebolinha?"

Eu só conseguia sentir o sangue na minha boca naquele momento. Me recompus e tentei de novo.

"Você é tão *incrível*."

De alguma forma, minha língua nunca estava do meu lado quando eu mais precisava.

"Já fizemos essa piada antes, lembra?"

"É..."

Dei um último abraço nela e então a soltei. Shimamura estava sorrindo, mas não era um sorriso caloroso ou gentil — parecia mais que ela estava se esforçando ao máximo para não rir. Então, colocou a mão no queixo e me analisou.

"Hmmm. Legal."

O quê?

“Eu gosto dessa expressão no seu rosto.” Ela era agora a segunda pessoa a comentar sobre meu rosto hoje. Minha confusão devia ser óbvia, porque ela continuou: “Está meio esticado, sabe?”

Não, na verdade, eu não sabia. Eu não conseguia imaginar isso. Esticado em que direção? E, além disso, por que todo mundo estava comentando sobre meu rosto ultimamente? Ele era tão estranho a ponto de chamar atenção o tempo todo? Se fosse o caso, isso era uma novidade para mim. Infelizmente, eu não tinha como conferir sozinha... Mas, então de repente, talvez eu nem precisasse. Afinal, Shimamura provavelmente não comentaria sobre isso se não fosse verdade.

“...Bem, tanto faz. Não se preocupe com isso.”

“Tem certeza?”

Shimamura inclinou a cabeça curiosa enquanto eu a pegava pelos ombros e a posicionava sentada ao meu lado. Pensar na flor no meu cabelo aqueceu meu coração, mas ao mesmo tempo eu estava com medo de que meu rosto derretesse novamente, e eu precisava que minha expressão fosse séria para o pedido que eu estava prestes a fazer.

“...O que foi, Adachi?”

Hoje, eu tinha prometido passar mais tempo com a Shimamura — mas já era noite. O sol tinha começado a se pôr e, naturalmente, demoraria muito para que

ele voltasse a subir. E na noite passada, eu tinha descoberto que a parte mais importante de passar a noite juntas… era *passar a noite juntas*.

“Shimamura?”

“Sim?”

“Você gostaria de dormir juntas dessa vez?” Minhas presas doíam intensamente. Meus olhos ardiam, e percebi que estava esquecendo de piscar de novo. “Só... curiosidade...”

Então, encolhi os ombros como uma criança repreendida e aguardei timidamente pela resposta dela.

Eu estava constantemente dividida entre o medo da rejeição e a necessidade desesperada de falar as palavras a qualquer custo. E no cabo de guerra entre otimismo e pessimismo, o otimismo geralmente vencia. Mas isso de forma alguma significava que eu tinha vencido minhas próprias falhas — muito longe disso. A única vencedora aqui era a Shimamura.

“Claro, eu não me importo,” ela deu de ombros, casualmente.

Por um minuto, eu me perguntei se estava sonhando, mas o grampo balançando nos meus cabelos me avisou de que não. Mas não houve um estouro de alegria, nem sensação de realização. De alguma forma, não consegui processar que ela havia dito sim.

Quer dizer, se fosse *tão fácil* assim, então… então…

“Eu deveria ter…”

“O quê?”

Eu deveria ter sugerido isso ontem à noite!

Uma tempestade de arrependimento começou a girar ao meu redor. Eu nunca imaginei que ela concordaria tão prontamente... Às vezes, ela parecia surpreendentemente aceitar as coisas mais estranhas. Como eu sentada entre suas pernas. Será que ela era assim com todo mundo? Ela era impossível de entender, e foi por isso que eu cometia tantos erros.

Mas, às vezes, bem quando eu menos esperava, ela estava lá para me apoiar quando eu tropeçava. E esses momentos eram pura felicidade.

***

Naquela noite, esfreguei meu corpo tão meticulosamente que parecia que eu estava tentando apagar minha própria existência. No final, minha pele estava praticamente vermelha.

“Sempre sinto que estrago tudo…”

Enquanto eu estava sentada de pernas cruzadas no meu *futon*, queimando de autocrítica e amaldiçoando minha idiotice, Shimamura entrou...carregando um segundo *futon*.

Espera, o quê?

“O quê?”

Ops. Acabei falando em voz alta.

“O que foi?” Shimamura perguntou curiosa enquanto colocava sua cama ao lado da minha.

De certa forma, isso dava um clima de "férias" para o pijama, mas, ah... eu meio que achei que íamos compartilhar o mesmo *futon*. No entanto, não consegui dizer isso em voz alta.

Balancei a cabeça. “Nada.”

Claramente, eu estava ficando muito gananciosa. Encolhi os joelhos em vergonha. Enquanto isso, Shimamura se jogou no *futon*, com os membros espalhados em todas as direções. Sua pele estava levemente corada, o que sugeria que ela tinha acabado de sair do banho também. Será que a irmãzinha dela estava com ela de novo? O pensamento me fez sentir quase... *derrotada*, de certa forma.

Será que Shimamura e eu algum dia chegaríamos ao ponto de tomar um banho juntas? Quanto tempo levaria para ela se sentir tão confortável comigo? O caminho à frente parecia longo, estreito e traiçoeiro.

...Para ser clara, eu não queria ver ela nua ou algo assim. Obviamente. Eu não era uma pervertida. Mas meus desejos eram complicados. Embora minha necessidade de afeto físico fosse movida puramente pela falta de satisfação emocional, no fim das contas, ainda era físico... *Ai, o que eu estou falando agora?*

Olhei para ela de soslaio. “Então, ah, ela está bem com isso?”

Ela me olhou sem se levantar. “Quem está bem com o quê?”

“Sua irmã. Ela está de boa com você dormir aqui em cima?” Admito que me senti um pouco culpada por basicamente roubar a Shimamura para mim.

“*Ahhh*, sim, ela está de boa,” ela respondeu com um sorriso cheio de sabedoria. “Ela está fazendo uma festa do pijama com alguém lá embaixo.”

Com quem? A menininha de cabelo azul? Pelo que eu sabia, ela vinha bastante na casa dos Shimamura ultimamente. Quem *diabos* ela era, aliás? Ninguém na família Shimamura parecia achar estranho, então eu deixei pra lá, mas… como é que ela podia ter *cabelo azul*?

Pensando bem, já que a Shimamura pequena estava tão amiga dela, talvez isso fosse prova de que ela era tão estranha quanto a irmã.

Lancei um olhar furtivo para a Shimamura, deitada desprotegida no *futon*. Não que eu tivesse moral para falar, mas… cara, ela podia ser muito estranha às vezes. Talvez dividir o quarto com a irmãzinha tivesse treinado ela nas artes dos esquisitos... Será que foi por *isso* que ela me via como uma irmãzinha?

Se isso realmente me fazia especial para ela, eu aceitaria. Mas a Shimamura já *tinha* uma irmãzinha, e eu jamais poderia competir com a versão real. Eu sabia que não poderia ficar complacente para sempre… mas, por esta noite, eu iria aproveitar ao máximo.

“Então, é… Shimamura… quer dormir já?” Eu sugeri, ainda sentada, sem nem olhar para o relógio.

“Já?!” Shimamura perguntou, surpresa. “Mas ainda são 8 horas!”

“Huh? Ah… você está certa…”

Olhei para o relógio e, de fato, eram 7:50. Para mim, parecia já ser quase meia-noite. Eu estava pronta para ir para a cama.

“O trabalho me cansou bastante hoje, e não consigo parar de bocejar, então achei que provavelmente já estaria com sono, por isso pensei que já era hora de dormir! Ah, e temos escola amanhã, então não podemos dormir até tarde!”

Enquanto tentava argumentar, eu acabei me empolgando um pouco. E, se eu tivesse que adivinhar, isso provavelmente acabou prejudicando minha causa. Ela me deu um olhar estranho. “Você parece estar bem acordada.”

Eu deixei meus ombros caírem. Não tinha como argumentar contra isso. E depois daquele pânico, eu realmente estava cansada.

“Dito isso, eu provavelmente conseguiria dormir bem.” Ela apertou os olhos e relaxou o rosto.

Era, possivelmente, a primeira vez que eu via a Shimamura praticando seu passatempo favorito: dormir. Por um lado, fiquei feliz em aprender mais sobre ela, mas, por outro lado... como isso ia me ajudar?

“Beleza, hora de dormir!” ela deu de ombros. Eu olhei para ela e a encontrei quase em pé. “Não tem nada melhor para fazer mesmo.” Com isso, ela puxou o cordão da lâmpada do teto. “Pronta para apagar as luzes? Precisa ir ao banheiro ou algo assim?”

“Uh... não, tô tranquila...”

“Então tá, boa noite!” A luz se apagou, e Shimamura se ajeitou debaixo das cobertas.

"Boa noite," murmurei de volta, mas não tinha certeza se ela me ouviu.

A conversa terminou por ali, e depois de um longo momento, me vi me perguntando: *Espera... a gente realmente vai dormir?* Eu me sentia como uma cabeça sem corpo, totalmente consciente de tudo acima do pescoço.

Então, me deitei... e comecei a rolar.

Será que eu poderia justificar isso dizendo que me movia muito enquanto dormia? Eu considerei essa opção seriamente, mas... a resposta era *não, provavelmente não*. Eu até poderia tentar, mas não conseguiria escapar disso... e por vários motivos.

Será que isso era tudo o que eu podia esperar? Deveria eu me contentar com apenas estar deitada ao *lado* dela? Obviamente, não poderia esperar resolver essas lacunas de uma vez... A frase “vamos ser realistas” veio à mente.

Mas eu a afastei.

Não havia nada de errado em ser realista, por si só, mas era bobo jogar seus sonhos fora em busca de um realismo 100%. Qual é o sentido de viver, senão para os seus sonhos? Isso não é viver de verdade — isso é apenas inércia.

Me sentei um pouco e olhei para a Shimamura. Ela respirava de forma tranquila, com os olhos fechados... Será que ela já estava dormindo? Silenciosamente, saí debaixo do meu cobertor. Então, rastejando com as mãos e joelhos, me aproximei dela e fiquei olhando de perto. Esfreguei os olhos, tentando enxergar melhor na escuridão, e admirei o seu rosto — belo e imóvel, como uma escultura. Meus olhos foram para os lábios dela, e senti minhas bochechas queimarem.

Ah, como eu desejava profundamente que ela me convidasse para um abraço.

Para deixar claro, eu não planejava fazer nada estranho. Eu só estava olhando para ela. A memória de um sonho distante passou pela minha mente, e meu coração deu um salto. Mas, de novo, eu não ia fazer nada arriscado. Não sem nenhuma garantia.

Viu? Olha só — ela abriu os olhos.

Espera, o quê? Oh Deus, ela abriu os olhos???

Por um momento, ficamos nos encarando na escuridão.

“Precisa de alguma coisa?”

Parece que a minha simples presença a acordou. Agora ela estava me olhando com uma cara estranha.

Tudo o que eu precisava fazer era ficar calma e explicar. Eu não fiz nada de inapropriado, nem estava planejando. Eu sou completamente inocente.

"Eu só... estava me perguntando se você estava realmente dormindo."

"Ah, sim! Estou na cama, não estou? Que boba." Ela riu.

Sim, é claro. Eu me movi para me afastar... mas minhas mãos e joelhos estavam grudados no chão.

"...Adachi?"

Meu corpo estava em modo de ataque, se recusando a cooperar... provavelmente porque minha mente continuava presa naquela imagem desconfortavelmente vívida. Por algum motivo, eu simplesmente não conseguia me afastar dela.

Três, dois, um... vai!

Eu me obriguei a me mover. Mas essa força de vontade não surgiu espontaneamente. Eu tive que dar um empurrãozinho nela. *Inútil.*

Eu estiquei o pescoço para frente... e me joguei de cara no *futon* da Shimamura. Uma dor subiu do meu nariz achatado.

"O que você é, um mosquito?" ouvi ela perguntar de algum lugar acima de mim. Mas, quando reuni coragem para levantar a cabeça, percebi que o rosto dela estava muito mais perto do que eu esperava.

"Podemos... nos abraçar?" gaguejei sem rodeios, sem mais espera. Dessa vez, eu estava colocando minha vida nas minhas próprias mãos.

Shimamura me encarou, sem expressão. "Agora eu entendi," murmurou. *O quê? O que ela entendeu?*

Mas antes que eu pudesse entrar em pânico, ela puxou o cobertor para o lado, como um convite. Eu a olhei: *tem certeza?* Ela virou de lado, de frente para mim, e fez um gesto para que eu me juntasse.

Isso não era um sonho; a dor no meu nariz era prova disso. Se eu tivesse uma cauda, estaria abanando a mil por hora.

Me joguei na cama como um peixe morto e, de forma desajeitada, me enfiei debaixo do cobertor dela. Minha pele seca e sem hidratação continuava agarrando no tecido, e o canto inferior esquerdo do meu corpo já estava dormindo. Mas lá estávamos, a centímetros de distância, de frente um para o outro. Se eu não tomasse cuidado, estava prestes a começar a falar feito uma idiota.

Então Shimamura deu um sorriso de lado, e foi tão repentino e tão perto que me afetou ainda mais do que o normal.

"O que foi?" gaguejei.

"Minha irmãzinha fez a *mesma* coisa ontem à noite."

"...Ah..." No escuro, eu queimava de vergonha ao pensar que tinha imitado uma garotinha do ensino fundamental sem querer.

"E depois ela pediu *isso* também."

Shimamura estendeu a mão e colocou o braço debaixo da minha cabeça. Senti o calor dela contra minha bochecha e, só então, percebi: ela estava deixando eu usar o braço dela como travesseiro.

"Como está? Confortável, dormir no braço da sua onee-chan?" ela provocou.

Era como um sonho realizado, e eu ainda nem tinha tido o sonho.

Isso era o que chamavam de êxtase absoluto? Envolvida pela sensação, eu lutava para encontrar palavras.

“Eu acho que...”

“Você acha...?”

“Eu acho que vou chorar,” confessei timidamente.

Shimamura sorriu e balançou a cabeça para mim, como quem diz que *não é para tanto*. Mas, embora eu parecesse exagerada, era justamente o oposto. Finalmente, eu estava em paz.

“Me sinto tão relaxada. Como se todos os meus músculos tensos finalmente tivessem relaxado.” E isso, por sua vez, deu liberdade para minhas emoções, por isso as lágrimas começaram a cair.

“É realmente tão importante assim?” ela perguntou. Eu assenti. Mas ela não parecia desconfortável com minhas lágrimas. Olhou para o meu cabelo. “Seu cabelo ainda está úmido, sabia?”

“Hum-hum.” Naquele momento, eu estava tão apavorada que não me atentei aos detalhes… mas agora, aquela ansiedade parecia tão distante.

“Há algo especial na umidade morna que é realmente agradável,” ela comentou, enquanto acariciava meu cabelo, e as gotas de água se transferiam para seus dedos. Pequenas pérolas de contentamento. “Ok, posso ter meu braço de volta agora?”

“Ainda não.”

Eu me agarrei à sua camiseta como uma criança mimada. Ela olhou para a desesperança dos meus dedos e soltou um suspiro. “Quanto tempo você vai precisar ainda?”

“Só até eu cair no sono,” respondi, com os olhos arregalados.

Honestamente, eu não sentia nem um pouco de sono. Eu não *precisava* dormi — já estava vivendo meus sonhos mais selvagens.

“Você é *sem esperança*, sabia disso?” Shimamura sorriu de forma irônica, com a voz suave e reconfortante. Mas ela não retirou o braço.

Ali estávamos nós, deitadas lado a lado, respirando suavemente na escuridão. Agora que meus olhos se ajustaram, eu pude ver tudo o que realmente importava para mim.

"Oh, é verdade. A troca de lugares é amanhã," comentou Shimamura de forma casual.

Para ela, esse pequeno detalhe parecia algo sem importância, mas para mim, foi um choque. "Espera, o quê?"

Shimamura me olhou confusa por um momento, mas então pareceu entender. "*Ahhh*, é verdade. Você estava faltando aula no dia em que ficamos sabendo."

"Ah, tá."

Faz sentido... Então meus olhos se abriram de repente. *A troca de lugares?! Amanhã?! Eu nem vou ter tempo de rezar!*

"Adachi?"

Eu queria estar mais perto da Shimamura, mesmo que fosse apenas um passo. Ou uma polegada. Mas e se eu acabar na frente e ela ficar lá atrás?

"Bem, é... espero que deixem a gente sentar perto! Né?"

Por algum motivo, eu queria que ela me desse... alguma forma de tranquilidade ou validação, algo assim. Mas Shimamura riu e desdenhou.

"Não sei, acho que causaria muitos problemas." Ela sempre estava perfeitamente composta; nunca a tinha visto se atrapalhar. "Quero dizer, para ficarmos tão *perto*, basicamente teríamos que compartilhar uma mesa, né?"

Isso foi um pequeno, mas esmagador, golpe. Eu simplesmente não consegui aceitar o tom descomplicado dela.

Mas eu devia ter deixado essas emoções aparecerem no meu rosto, porque ela me olhou e continuou, "O que tiver que acontecer, vai acontecer."

Essa visão de mundo era definitivamente condizente com a personalidade da Shimamura, e não havia nada de errado com isso. Mas se eu deixasse a vida *acontecer* por si só, sabia que acabaria sozinha novamente. Então dei uma boa e dura olhada nos meus medos e motivações... e depois de um pouco de introspecção, a resposta veio para mim no mesmo momento. Independentemente de como a troca de lugares acontecesse—

"Que tal almoçarmos juntas amanhã?"

—tudo o que precisávamos era fazer nossos próprios planos. Era tão simples, e ainda assim, de alguma forma, eu nunca tinha percebido isso.

"É, claro."

E assim Shimamura concordou prontamente, me deixando mais tranquila com suas palavras... sua atitude... sua bondade...

"Agora pare de se preocupar e vá dormir."

Com isso, minhas emoções cruzaram a linha de chegada. Como eu era abençoada por poder parar de me preocupar com um simples comando. Conhecendo ela, provavelmente não tinha ideia dos meus sonhos ou do que se passava no meu coração, mas—

"Adachi," ela chamou suavemente enquanto fechava os olhos.

—no final, ela sempre me dava tudo o que eu desejava.

"Durma bem."

Não havia sentido em resistir, então fechei os olhos, me afastando deste sonho acordada e afundando em outro.

"Durma bem..."

Shimamura.

Silenciosamente, sussurrei seu nome.